Reinaldo Morais

Um dos mais bem-sucedidos empreendedores do agronegócio

# Segredos de Pai para filho

COMO A PERSEVERANÇA, A OUSADIA E A FÉ PODEM TRANSFORMAR UMA VIDA

EDITORA IMPETUS

# Capítulo 4

# Microempreendedor da sucata

*"A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento."*

**Frederick Herzberg**, psicólogo e escritor norte-americano, especializado em gestão empresarial

Minha paixão por animais vem de longe. Muitos anos antes de eu sequer sonhar em ser zootecnista, vender frangos ou criar porcos, fiz meu primeiro *negócio* na área. Eu estava passando uns dias das férias na casa de meu pai, em Ourinhos, e descobri que a vizinha dele tinha uns galos lindos, coloridos, daqueles grandões, que fazem estardalhaço ao amanhecer. Ela tinha umas galinhas bem gordas, também.

Fiquei fascinado com as aves e perguntei se ela não queria vender um galo para mim. A vizinha disse que criava para vender, mesmo. Por pura felicidade, a mulher do meu pai, a *tia* Diva, tinha um cofrinho daqueles antigos, cheio de moedas. Não pensei duas vezes: mesmo sem falar nada com minha madrasta, levei o cofrinho, bem pesado, e troquei por um galo e uma galinha de criação. A Diva, coitada, não queria desagradar o enteado, que vinha tão poucas vezes ficar com o pai. E ela sabia que, se contasse o rolo para o marido, o clima iria ficar ruim. Assim, a coitada não teve outro jeito senão aceitar a transação e ficar sem o cofrinho.

Desde pequeno, os animais fizeram parte da minha vida. Eu não podia encontrar um bichinho na rua, um cachorro ou um gato, que levava para casa. No nosso quintal, misturavam-se galinhas, patos, cães, gatos e até coelhos. Eu saía todos os dias catando capim na rua para levar para os coelhos, juntava

sobras de comida para as aves e só não dormia com os bichinhos na cama porque minha mãe não deixava – ou, pelo menos, pensava que não deixava, já que nem sempre conseguia ver um coelho ou um gatinho escondidos debaixo de minha coberta.

**A partir daquele dia, passei a recolher estrume de vaca em troca de um galão de leite. Assim, conseguia ficar perto dos bichos e ainda levava alguma coisa para casa**

Na época das exposições agropecuárias, eu ficava muito animado. Em regiões rurais, de vez em quando são organizadas festas e exposições para venda de gado. Havia prêmios para o dono do porco mais gordo, o plantador que levasse a maior abóbora, a galinha que mais punha ovos, essas coisas. Eu ia para lá bem cedinho, antes da escola, para ver os animais. As vacas eram impressionantes: algumas delas, fiquei sabendo, davam dezenas de litros de leite por dia. E pensar que a gente, lá em casa, quase sempre, só tinha um litro de leite para dividir.

Daí, tive uma ideia. Eu reparei que, antes do sol nascer, vinham uns trabalhadores, que chamavam de *retireiros*, para limpar os estábulos, recolhendo o estrume do gado. Era um trabalho duro e, naturalmente, sujo.

Um dia, criei coragem e perguntei:

– Moço, posso ajudar a limpar?

– Você é muito pequeno, menino. –, disse o chefe da turma. – E a gente não tem dinheiro para pagar, não.

– Não precisa! –, respondi, já arquitetando uma ideia.

A partir daquele dia, virei retireiro-mirim. Eu ajudava a recolher o estrume em troca de um galão de leite. Assim, conseguia ficar perto dos bichos e ainda levava algum leite para casa. Saía todo sujo, mas nem ligava.

Foi esse carinho por animais que me levou a conhecer o Duque. Era um cãozinho da raça pequinês, magro e malcuidado, que certo dia eu salvei da morte certa. Eu via, do balcão da mercearia, a carrocinha dos agentes de controle de zoonoses recolhendo animais abandonados pela rua e morria de pena. Eles laçavam os cachorros e gatos, prendiam na carrocinha e levavam para um centro de animais da Prefeitura. Se ninguém os reclamasse ou adotasse, eram sacrificados. Era assustadora aquela ideia, mas eu não sabia o que fazer para ajudar.

– Oséias, se eu pudesse, soltava esses pobrezinhos. – eu dizia para meu padrasto, toda vez que a carrocinha passava na rua.

– Nem pense nisso, Neguinho! – meu padrasto respondia, dos fundos da mercearia, sem dar muita atenção.

Antes que a carrocinha passasse, eu saía pela vizinhança espantando os cachorros da rua para que eles não os pegassem. Uma vez, vi que eles prenderam o pequinês. O cachorro já era velho, fraco e, ainda por cima, cego de um olho, e não conseguiu correr. Depois que o capturaram, os homens da carrocinha pararam bem em frente à mercearia entraram para tomar um café. Era a chance de que eu precisava. Abrir a jaula da carrocinha, nem pensar; era preciso negociar a liberdade do bichinho. Puxei a barra da calça do funcionário:

– Moço, moço, o senhor não pode soltar esse pequinês? Ele é tão velhinho… Ele não vai fazer mal a ninguém.

– Soltar, não posso. Esses bichos de rua são um perigo, podem transmitir raiva ou outra doença – respondeu. – Mas, se aparecer alguém interessado em vacinar e adotar, tudo bem.

Olhei imediatamente para Oséias que, daquele jeito cúmplice que eu conhecia tão bem, fez que sim com a cabeça.

Salvo da eutanásia, o Duque virou nosso bichinho de estimação. Ele era meu cão de guarda, bastante fiel a mim. Quando me aprontava para sair, já vinha abanando o rabinho. E, nas noites mais frias do inverno paranaense, aninhava-se nas minhas cobertas. Cachorros não falam, mas eu sei que ele fazia de tudo para demonstrar sua gratidão, mesmo quando trazia um pedaço de osso meio roído aos meus pés. Quando o Duque ficou bem velhinho e já nem enxergava mais, percebemos como o sofrimento era grande, pois ele uivava de dor. Sua morte foi um certo alívio para todos, apesar da nossa tristeza. E  Duque foi sepultado em nosso quintal, com grande solenidade.

Outra coisa que eu gostava muito era de ter o meu dinheiro. Lá em casa, devido às circunstâncias, não tinha esse negócio de mesada. Minha mãe e Oséias nos davam o dinheiro que bastava para as necessidades básicas – a compra do pão e do leite, de um caderno ou um lápis para a escola, um quilo de carne. Só havia recursos para as necessidades básicas, e só. O máximo que eu tinha era o troco que sobrava de uma compra ou a gorjetinha que as senhoras me davam para carregar sacolas da mercearia até suas casas.

Além de trabalhar na mercearia, eu sempre inventava alguma coisa para ganhar um dinheiro. Quando eu estava na 3ª série do curso Primário, hoje chamado Ensino Fundamental, criei minha primeira *empreiteira.* A gente morava perto do parque de exposições onde, todo ano, era montada uma área de diversões, com aqueles brinquedos para criança, inclusive um tobogã. Ele era muito grande, com uns 30 metros de altura, e antes da inauguração os organizadores da exposição tinham que revisar e polir o tobogã, para que as crianças escorregassem com mais facilidade. Eu e os meus amigos sonhávamos em descer naquilo, mas o ingresso era caro demais para nós. Tive uma ideia:

– E se a gente se oferecesse para limpar o tobogã? Quem sabe, eles deixam a gente descer sem pagar?

Ninguém acreditou que daria certo. Como eu era o que tinha mais iniciativa, tomei a frente do negócio.

– Moço – eu disse ao velhinho que tomava conta do tobogã –, a gente queria descer, mas não temos dinheiro para o ingresso. O senhor não tem de limpar e polir o tobogã antes da inauguração? Então, a gente pode fazer isso de graça para o senhor.

"De graça" é uma expressão quase mágica, que costuma abrir qualquer porta.

– Mas como vocês vão fazer isso?

A solução foram uns sacos de estopa que a gente arranjou. Era só passar a cera de um lado, sentar do outro e se atirar lá de cima uma, duas, dezenas de vezes. O homem do tobogã ficava feliz da vida com a economia em mão de obra e a gente ia quase às nuvens, de tanta alegria. Era muito melhor do que ter de pagar para descer uma única vez, como faziam as outras crianças.

**A gente tem de aprender a aproveitar as oportunidades que aparecem, mesmo que, no início, pareçam pouco promissoras**

Aquele parque de diversões era, realmente, uma *terra de milagres.* Depois da inauguração, eu e meus irmãos fomos lá, uma noite, sem dinheiro para nada, nem mesmo para dividir uma maçã do amor. O parque tinha tromba-tromba (aqueles carrinhos de bater), carrossel, roda-gigante, tudo lindo e colorido, mas a gente tinha de se contentar em só ficar olhando, mesmo. Porém, a lógica

das coisas, para as crianças, é bem diferente do pragmatismo dos adultos. Chegando lá, eu, que era o mais novo, fiquei numa tristeza danada porque não podia andar em nenhum daqueles brinquedos.

– Se a gente tivesse algum dinheiro…

– É, mas não tem – respondeu Auda, rispidamente. – A gente só veio dar uma volta, Reinaldo. Não peça nada.

Percebi que a expressão dela era bem mais doce do que suas palavras. Ela também estava triste.

Então, lembrei do que ouvia lá na igrejinha sobre pedir as coisas a Deus.

– Papai do Céu – eu balbuciei baixinho, sem ninguém ouvir –, estou com uma vontade tão grande de brincar… Como eu gostaria de ter um dinheirinho!

Continuamos andando por ali. Uns cinco passos mais adiante, pisei em alguma coisa. Era um maço de notas, bem perto da bilheteria. Peguei e fiquei assustado – várias notas de cem cruzeiros, vermelhas, com a efígie de Floriano Peixoto, a cédula de valor mais elevado da época. Era muito dinheiro!

– Deve ter dono – disse Bu, sempre sério, mas com o coração aos pulos.

– É, mas achado não é roubado – *filosofou* Wagner, com os olhos brilhando.

Resolvi o breve dilema ético-familiar fazendo algo que poucos meninos da minha idade fariam numa situação daquelas: procurar o dono do dinheiro.

Perguntei ao bilheteiro se alguém disse que perdera dinheiro, mas ele nem olhou para a minha cara. Não satisfeito, percorri a fila, inocentemente, com o dinheiro na mão, perguntando de um a um se era o dono. Para nossa felicidade, todos foram honestos e admitiram que o dinheiro não era deles.

– Bem, então… Vamos brincar! – exultei.

Tivemos um dos melhores dias de nossas vidas. Fomos a todos os brinquedos várias vezes, comemos todos os lanches, tomamos vários refrigerantes e ainda levamos dinheiro para casa. De fato, Deus cuida de mim desde bem pequenininho!

Outra atividade econômica a que me dediquei ainda menino era a reciclagem. Em um tempo em que o meio ambiente não era pauta obrigatória dos noticiários, organizei uma *cooperativa* de catadores. Um belo dia, vendo uma pilha de lixo, vi que havia ali muita coisa jogada fora que podia ser limpa e revendida, como garrafas, papelão, pedaços de ferro e latas. Arranjei umas

luvas grossas de gari e comecei a catar tudo para vender no ferro-velho da cidade. Contudo, apesar do meu esforço, o dinheiro que recebia era quase nada.

"Para ganhar mais, vou ter que aumentar isso", pensei.

Aí, eu juntei todos os amigos que eu tinha na rua e falei para eles:

– Vamos catar ferro-velho para vender?

Logo, eu já tinha um grupo de mais de dez garotos trabalhando para mim. Como eu era o organizador do negócio, ia sozinho vender para os recicladores e ficava com 50% do valor, distribuindo o restante entre os outros. A esta altura, eu já tinha certo jeito para os negócios e ninguém me enganava nas contas, graças ao *estágio* que eu fizera na mercearia e às instruções matemáticas recebidas do Oséias. A gente tem de aprender a aproveitar as oportunidades que aparecem, mesmo que, no início, pareçam pouco promissoras. Sou muito grato a Deus e às pessoas que passaram por minha vida e me ajudaram a construir o que sou hoje – desde o velhinho do tobogã aos garotos que catavam lixo comigo.

**Palavra do Pai**

*O servo disse: Uma nuvem tão pequena quanto a mão de um homem está se levantando do mar. Então Elias disse: Vá dizer ao rei Acabe: Prepare o seu carro e desça, antes que a chuva o impeça. (I Reis 18.44)*

***Segredo de pai para filho***

Não despreze os pequenos começos ou as coisas aparentemente insignificantes, pois podem ser seu passaporte para um belo futuro. Ainda que a oportunidade se pareça com uma pequena nuvem no horizonte, ela pode se transformar numa abundante e copiosa chuva. Toda jornada, como se sabe, começa com um simples passo. Antes de se tornar governador-geral do Egito, José foi levado àquela poderosa nação de outrora como um escravo. Todavia, enxergou possibilidades onde a maioria das pessoas só veria dificuldades e sofrimentos. Agindo assim, transformou não só seu próprio futuro como o de milhões de outras pessoas.

# Capítulo 6

# Bolha nas mãos, sonhos no coração

*"A oportunidade não bate; ela se apresenta quando você derruba a porta."*

**Kyle Chandler**, ator e diretor de cinema americano, com papéis em *O lobo de Wall Street*, *A hora mais escura* e no seriado *Friday night lights*

Minha habilidade para negócios vem de muito longe. Desde criança, gostava de ganhar dinheiro. Em parte, porque minha família era bem pobre e eu, filho de pais separados, não podia contar com minha mãe para ter as coisas de que eu gostaria. Os sonhos de consumo de todo menino daquele início dos anos 1980 eram a bicicleta de dez marchas, a bola de futebol tamanho oficial e, o máximo em termos de consumismo na época, o videogame! Tudo isso era tão distante da minha realidade de classe D que eu me entreguei ao trabalho, apesar da pouca idade. Minha mãe disse que, desde que eu não abandonasse os estudos e não virasse engraxate, podia fazer o que quisesse.

– Mas por que não posso engraxar sapatos? Um monte de amigos faz isso – protestei.

Para ser engraxate, o investimento era baixíssimo e o lucro, razoável: era só arranjar um caixote, comprar a cera e as flanelas e ficar na porta dos escritórios e dos restaurantes da cidade. Trabalho fácil, sem muito esforço físico. E ainda dava para ler ou estudar um pouco no intervalo entre os clientes. Mas, quando Eneida dizia "não", era inútil insistir:

– Você pode fazer tudo, menos engraxar os sapatos dos outros.

Nunca fiquei sabendo, afinal de contas, o motivo de tanta resistência materna àquela nobre atividade. Eu não podia engraxar sapatos, mas já me

virava vendendo sucata, limpando estrume de vaca e fazendo polimento em tobogã. Com a separação de minha mãe e de Oséias, acabei saindo da mercearia, que foi meu primeiro emprego fixo. Eu tinha muito claro na mente que, se não estudasse e trabalhasse duro, não teria futuro melhor do que o de muitos de meus amigos de bairro e de escola, para quem a melhor perspectiva na vida era ser atendente na padaria ou operário da construção civil. Ou, pior ainda, virar um "mau elemento", como alertava minha mãe.

**Eu tinha muito claro na minha mente que, se não estudasse e trabalhasse duro, não teria futuro**

A época que vivíamos também não era das mais propícias para quem estava começando a vida. Aqueles anos 1980 passariam à história brasileira como a "década perdida" – um tempo de inflação galopante, conjuntura internacional desfavorável, crise do petróleo, dólar nas alturas e desemprego. O maior símbolo da instabilidade econômica do período eram as mal-afamadas maquininhas de remarcação de etiqueta de preços nos supermercados. Você comprava um quilo de feijão de manhã por um preço, e, à noite, o valor já era outro. Os salários não acompanhavam a inflação e o custo de vida subia sem controle. Muita gente cruzou para baixo a linha da pobreza. O governo militar, iniciado em 1964 e que prometera desenvolver o país, estava sem fôlego ou força política necessária para as mudanças. Quem ditava as regras da economia brasileira era o Fundo Monetário Internacional, o famigerado FMI. A oposição se fortalecia, com um discurso de esquerda pela redemocratização do país e reivindicações por reformas urgentes. O cruzeiro, moeda nacional, perdia valor todo dia. Chegaram a imprimir cédulas de 1 mil, 5 mil, até de 50 mil e 100 mil cruzeiros. Uma loucura!

Eu tinha uma caderneta de poupança, que minha mãe abriu para mim na Caixa Econômica Federal, com o primeiro dinheirinho que eu ganhei. Sempre que podia, eu depositava alguma coisa lá. De meu pai biológico, eu não recebia nada além de uma visita anual e um presente, que ele sempre trazia. Pior ainda – com a passagem do tempo e a falta de contato, Antonio foi se tornando, por escolha própria, uma figura distante de nossa vida, como um amigo afastado, daqueles com quem a gente não sabe como lidar direito quando aparecem.

Todo dinheirinho que eu ganhava ia para a poupança, enquanto eu alimentava um sonho dourado: comprar minha primeira bicicleta, de preferência uma Caloi, daquelas que eram anunciadas na televisão. A propaganda era muito sugestiva, e mostrava um menininho espalhando bilhetes pela casa ("Eu quero a minha Caloi"; "Não se esqueça da minha Caloi"), para os pais verem. Acabei fazendo isso, mas, por motivos óbvios, os bilhetinhos não foram atendidos… Então, a compra teria de ser com meus próprios recursos, mesmo. Com esse objetivo, eu lavava os carros dos vizinhos, vendia algodão doce e sorvete na rua, ia de porta em porta oferecendo bichinhos de pelúcia, fazia qualquer coisa que fosse possível e honesta, menos engraxar sapatos, que minha mãe não deixava...

Tempos depois, numa época em que minha irmã Auda também passou a trabalhar fora, mamãe colocou uma diarista lá em casa. Ela ia uma vez por semana para fazer todos os serviços, como varrer a casa, limpar o quintal, enfim, faxina geral. Numa casa onde viviam cinco pessoas – a Roseli já tinha se casado –, havia mesmo muito que fazer. Não lembro quanto era a diária da empregada, mas o valor era dividido entre minha mãe e minha irmã. Como eu tinha algum tempo livre entre a escola e os outros *bicos*, resolvi fazer uma proposta:

– Se vocês dispensarem a diarista e me derem o dinheiro, eu passo a fazer esse serviço.

– Mas você vai dar conta? –, perguntou Auda, sempre preocupada com o bem-estar de todos. Quanto à minha mãe, ela confiava tanto na minha capacidade que não colocou nenhum obstáculo.

– Pode começar amanhã.

Exigente, contudo, minha mãe foi logo dizendo que queria ver a casa brilhando, ou chamaria a empregada de volta.

Mais um desafio! Era disso que eu gostava para me motivar! Era preciso quase um ano todo de faxina para poder comprar o videogame, mas preferi não pensar nesse pequeno detalhe.

Nossa casa era de madeira, dessas que ainda hoje se veem na Região Sul, e tinha o assoalho todo de tábuas enceradas de vermelho. Era aquele tipo de piso barato, que dá um trabalhão para limpar. Eu lavava a casa, o quintal, a calçada, limpava as tábuas do piso e passava palha de aço no chão, em todos os

cantinhos, para tirar a cera velha. Depois, esfregava de novo, com cera líquida. Quando minha mãe chegava, a casa estava brilhando. Dava quase para ver o reflexo no chão, porque eu fazia tudo com capricho. Modéstia à parte, eu era melhor do que a diarista que trabalhava para a gente. Tanto é que, durante uns quatro anos, ninguém mais trabalhou lá em casa, porque eu dava conta de tudo.

**Uma das melhores coisas do trabalho é usufruir de seus frutos. Quando eu já tinha um bom dinheiro guardado das faxinas, consegui comprar meu primeiro videogame, de marca Atari, que na época era o mais badalado**

Certa vez, um amigo de meu irmão Júnior comprou um terreno de mato alto e precisava capiná-lo para plantar alguma coisa. Como ele trabalhava o dia todo e não tinha tempo, estava procurando alguém para fazer o serviço. Ouvi os dois conversando e farejei uma nova oportunidade.

– Quanto que você quer pagar para alguém carpir o terreno?

– Eu posso pagar uns 150 cruzeiros – ele respondeu.

Não era lá muita coisa, só que bem mais do que meu combalido saldo na Caixa Econômica. Aquele era um trabalho duro, cansativo até mesmo para homens feitos. Mas enxerguei a coisa como mais uma fonte de renda.

– Deixa que eu vou lá carpir para você!

Ele não levou muita fé, mas o jeito resoluto com que falei o convenceu a me deixar tentar.

Naquela época, eu ainda não conhecia a Bíblia Sagrada e seus preciosos conselhos. No evangelho de Lucas, Jesus Cristo recomendou que não devemos iniciar nenhum projeto sem, antes, avaliar o tamanho do trabalho e se teremos condições e recursos para concluí-lo. Arranjei uma enxada emprestada e, no dia seguinte, depois da escola, fui capinar o terreno, cheio de disposição. Em quase seis horas de trabalho ininterrupto, não consegui limpar nem a décima parte do lote. À noite, estava com as mãos cheias de bolhas e as costas queimando. "Se eu levar 15 dias para terminar", pensei, "vou receber só dez cruzeiros por dia. Não vale a pena."

Eu não queria desistir do negócio assim, tão facilmente. No fim de semana, Bu, Wagner e todos os seus amigos saíam para passear, menos um, que todos chamavam de Itão. Ele ficava para trás porque estava sempre sem dinheiro.

– Itão, o que você vai fazer hoje? –, perguntei.

– Não estou fazendo nada.

– Você não quer um serviço, ganhar alguma coisa?

– Pode ser. O que é?

Com meu jeitão de empresário pré-adolescente, expliquei o trabalho ao rapaz, que tinha o dobro da minha idade:

– Eu estou com um terreno para carpir. Pago 100 cruzeiros.

Itão concordou. Eu o levei lá, dei a enxada e terceirizei o serviço. No fim do dia, recebi o valor combinado e embolsei Cr$ 50. Muito mais do que o valor em si, o sucesso do empreendimento me fez sonhar alto, cada vez mais alto…

**Palavra do Pai**

*Todo trabalho árduo traz proveito, mas o só falar leva à pobreza. (Provérbios 14.23)*

***Segredo de pai para filho***

Trabalhe duro, seja qual for sua ocupação. Faça tudo com excelência e fique atento às circunstâncias ao seu redor – elas podem representar a abertura de portas inusitadas em sua vida. E não desperdice as oportunidades.

# Capítulo 13

## R$ 50 por semana

*"A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo."*

**Peter Drucker**, pensador, escritor e professor austríaco,
considerado um dos pais da administração moderna

Chegara a hora de colocar em prática, para valer, tudo o que eu havia aprendido na faculdade e ao longo da vida, nos meus múltiplos trabalhos e relacionamentos. Era o ano de 1994 e eu estava recém-casado e recém-formado. O jogo da vida entrara em sua etapa mais séria, e eu precisava *passar de fase*, como se diz na linguagem dos videogames. Até então, tudo o que eu fizera, e o dinheiro que ganhara, era apenas para mim. Foi um tempo muito bom, aquele de juventude. Com casa, comida e roupa lavada garantidas, eu podia fazer minhas brincadeiras de rodeio, comprar meus carros e passear com os amigos. Agora, não – eu entrara, como se diz, no rol dos homens sérios, e a mim cabia o sustento da nova família que acabara de se formar.

A época da faculdade fora muito boa. Eu tive muitos amigos, estudei bastante e me formei com louvor. Fui o primeiro aluno da Universidade Estadual de Maringá que se graduou em Zootecnia em quatro anos e meio, quando o normal eram cinco anos de faculdade. Alguns professores gostavam muito de mim e me arranjaram um emprego de distribuição de medicamentos veterinários. Eu recebia 50 reais por semana, como ajuda de custos. Fiquei bem animado, porque seria minha primeira atividade ligada à profissão, e me empenhei ao máximo para corresponder à expectativa deles e começar a fazer meu networking na área.

A formatura seria no dia 12 de agosto, e marcamos nosso casamento religioso para a véspera. Qualquer pessoa de bom senso diria que era uma

loucura. Sob certos aspectos, era mesmo, até porque não tínhamos recursos nem para uma coisa, nem para outra.

– É melhor, então, aproveitar a festa da formatura, a presença dos convidados e a roupa alugada. Assim, não precisamos fazer duas despesas – eu disse à minha noiva.

Bem antes disso, contudo, tivemos de resolver o problema da moradia. Quem casa quer casa, conforme o sábio dito popular, e nós não tínhamos onde morar. Viver com parentes naquele início de casamento não fazia parte dos planos, e o jeito era procurar um apartamento. O ânimo inicial foi-se arrefecendo quando tomamos noção dos aluguéis e condomínios, tudo nas alturas. Em períodos de instabilidade econômica os preços ficam malucos, cada um cobra o que bem entende e a dificuldade para ajustar orçamento apertado com o custo fixo da moradia é enorme. O Plano Real acabara de entrar em vigor, com a estabilização dos preços, mas ninguém ainda estava acostumado àquilo, depois de tantos anos de inflação. Além disso, a maioria dos proprietários exigia lavratura de contrato, fiador e garantia, e nós não tínhamos nada disso. Aí, começamos a pedir para Deus uma oportunidade, que ele abrisse as portas para nós.

Nas horas de folga, eu e Eliane líamos os classificados de aluguel dos jornais enquanto comíamos cachorro-quente num carrinho, na esquina da faculdade. Era um cachorro-quente daqueles caprichados, que seguram a fome por um tempão, ideal para estudantes *duros* como nós. Na verdade, era uma bomba calórica de linguiça processada, maionese e bacon, mas, quando se tem vinte e poucos anos, ninguém dá muita bola para esse detalhe. E lá estávamos nós, em um fim de noite, conversando sobre o assunto recorrente.

**Quem casa quer casa, conforme o sábio dito popular, e nós não tínhamos onde morar**

– Como a gente vai fazer esse negócio da casa, Reinaldo? – ela perguntava.

Como o futuro chefe da família, cabia a mim a solução. Só que eu não tinha a menor ideia do que fazer.

– Não sei –, admiti. – Mas tenho fé de que Deus vai nos prover algo.

Fé era uma linguagem comum a nós dois. Antes de mergulhar novamente o lindo rosto no seu cachorro-quente, minha noiva concordou:

– Amém.

O dono da barraquinha, que adorava puxar uma conversa com a freguesia, chegou mais perto. Deu para reparar no avental meio manchado de gordura e a Eliane mal disfarçou uma cara de nojo.

– Ah, vocês estão procurando apartamento?

– É, estamos. –, respondi, meio que por educação, surpreso com a intromissão inesperada.

– Eu tenho um para alugar.

Subitamente, os cachorros-quentes, meio comidos, foram largados nos pratos.

– Como assim? O senhor tem um apartamento para alugar?

– Tenho, sim –, repetiu, como se fosse a coisa mais normal do mundo o fato de um vendedor ambulante ter um imóvel para alugar.

Pensei comigo mesmo, em algumas frações de segundo: "Devo estar na profissão errada. Quase formado em Zootecnia e não tenho nem como pagar um aluguel, e esse sujeito, que vende cachorro-quente na rua, é proprietário!"

Então, ele explicou que havia comprado um apartamento, financiado, mas que não conseguiu mais pagar as prestações. O contrato era antigo, e, na época em que fora firmado, antes do Plano Real, os fatores de reajuste eram bem acima da inflação. Muitos mutuários estavam na mesma situação que ele, inadimplentes.

– Eu parei de pagar e a Caixa Econômica me deu uns prazos de tolerância. Mas, se eu continuar devendo, vou acabar perdendo o imóvel, porque a dívida já está em execução.

Era uma oportunidade mais que inesperada surgindo de onde menos se podia esperar. A gente não sabia o tamanho nem a localização do apartamento, mas, àquelas alturas, isso era o que menos importava.

Respirei fundo e avancei:

– Mas como nós vamos fazer o contrato? O senhor exige fiador?

– Não precisa de contrato, não. Eu conheço vocês daqui.

Era muita bênção para uma noite só!

Eliane, até então espectadora da conversa, tomou coragem e perguntou:

– E o senhor quer alugar por quanto tempo?

O homem do cachorro-quente colocou as mãos na mesa e nos olhou bem nos olhos:

– O prazo vai ser o seguinte: vocês ficam lá no apartamento e vão me pagando um aluguel. No dia em que o oficial de Justiça despejar vocês, acaba o contrato, e pronto.

Não era a melhor maneira de fazer as coisas, mas não tínhamos outra alternativa. Ele continuou:

– Quanto você pode pagar?

Lembrei do Oséias me pressionando na tabuada e fiz as contas, rapidamente, de cabeça. Eu ganhava 50 reais por semana, ou seja, 200 por mês; tirava os dez por cento do dízimo, sobravam R$ 180. O condomínio do prédio era de 60 reais.

– O máximo que eu posso pagar é R$ 120.

– Está fechado – ele disse.

Depois, pensei que um casamento não se faz só de aluguel. Existem as compras do mês, as taxas de água e luz, os custos de transporte ou combustível… Só que a Palavra de Deus nos ensina a nada temer, e sim, a crer, somente. Havendo feito tudo que estava ao nosso alcance – e que, convenhamos, não era tanta coisa assim –, o jeito era acalmar o coração e deixar o Senhor agir. Acertamos, assim, o aluguel do apartamento com um aperto de mãos, no meio da noite, em frente ao carrinho do cachorro-quente.

Como eu era o presidente da comissão de formatura, ficou mais fácil participar da festa. Era um trabalhão, uma tremenda responsabilidade; se algo saísse errado naquele momento tão importante para todos, a carga seria colocada sobre nós, da equipe organizadora. Mas eu já era um administrador competente, *rodado* em múltiplas atividades, e dei conta do recado direitinho, contratando os fornecedores e a mão de obra. Até um jantar de formatura, coisa inédita na faculdade, nós fizemos.

Então, fomos tratar da decoração do salão da igreja para o casamento. Todos os profissionais que consultamos cobravam uma nota, algo bem acima da nossa possibilidade.

– É, mas a gente não pode casar sem ornamentação na igreja! – protestou Eliane.

– Ué, então, nós mesmos vamos decorar!

– Como assim? Ficou maluco?

Eliane ainda não me conhecia suficientemente bem. Ela teria o seu tempo para isso.

Nossa festa de casamento aconteceu em duas etapas. Primeiro, foi o ato civil, em Porto Rico, onde morava meu sogro, Evando, e minha sogra, Jovira. Era uma cidade muito pequena que, nos anos 1970, acolhera o pai de Eliane, que viera de São Paulo para fazer a vida como farmacêutico no interior do Paraná. Ali, ele ganhou prestígio e fez muitas amizades. No casamento de sua única filha, ele quis comemorar junto a esses amigos, que o acompanhavam em toda sua vida. Por isso, Evando fez o mais belo jantar que suas condições permitiam, oferecendo um grande churrasco. Matamos uma novilha e assim comemoramos o casamento, com comida e bebida à vontade. Bem decorada por Auda e Tato, que saíram pela região, nas matas e pastagens, para pegar flores, ramos e folhagens. Assim, com uma decoração bem criativa e feita com todo amor, a festa foi linda!

**Sem dinheiro para a decoração, a solução foi sairmos pela região, nas matas e pastagens, para pegar flores, ramos e folhagens**

Casamo-nos no templo da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Maringá. Uma cerimônia linda e muito espiritual, na qual prometemos um ao outro, e diante do Senhor, que nos amaríamos e nos respeitaríamos ao longo da vida. Lembro-me de que, antes da nossa noite de núpcias, nós nos ajoelhamos na cama, oramos e pedimos para que Deus pudesse abençoar nosso casamento e guiasse nossos passos. Daquele dia em diante, nós começamos, realmente, a ter uma vida juntos e um propósito firme com o Senhor, o de sempre buscar a direção dele.